



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**

ACÁCIO RODRIGUES DE SOUSA

OS DITAMES DA *PAIDÉIA* PLATÔNICA

**CAMPINA GRANDE
2018**

ACÁCIO RODRIGUES DE SOUSA

OS DITAMES DA *PAIDÉIA* PLATÔNICA

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725d Sousa, Acácio Rodrigues de.

Os ditames da Paidéia platônica [manuscrito] / Acácio Rodrigues de Sousa. - 2018.

24 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Julio Cesar Kesting , Departamento de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia platônica. 2. Formação do homem.
3. Contemporaneidade. I. Título

21. ed. CDD 184

ACÁCIO RODRIGUES DE SOUSA

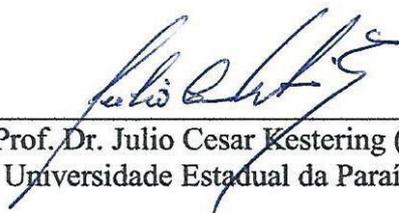
OS DITAMES DA PAIDÉIA PLATÔNICA

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

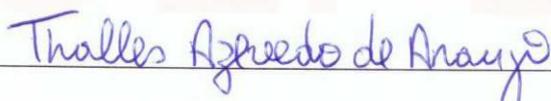
Área de concentração: Filosofia da Educação.

Aprovada em: 12/03/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Thalles Azevedo Araujo
Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de
Arruda Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB)

A minha mãe, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

“A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento”. (PLATÃO).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	A SISTEMATICIDADE DA FORMAÇÃO PLATÔNICA	08
3	A "ALEGORIA DA CAVERNA": O PROJETO EDUCACIONAL PLATÔNICO	11
4	CONCLUSÃO	20
5	REFERÊNCIAS	21

OS DITAMES DA PAIDEIA PLATÔNICA

Acácio Rodrigues de Sousa¹

RESUMO

O artigo é de caráter bibliográfico e pretende analisar a formação do homem segundo Platão, no diálogo *República*, levantando em consideração as possíveis contribuições desse autor para o pensamento contemporâneo. Partiremos das indagações: a) Em que medida a obra do filósofo pode auxiliar na formação do homem nos dias atuais? b) Qual o ideal de formação platônica? c) Será que esse pensamento pode trazer respostas às necessidades atuais de “educação”, especialmente quando nos referimos à formação integral do homem? A nossa pretensão é mostrar que o pensamento antigo pode nos apontar alguns caminhos para algumas necessidades atuais, principalmente, quando a contemporaneidade exige do sujeito a necessidade de relacionar-se com os demais. Entretanto, somos desafiados a pensar uma educação integral, a qual contribui para a formação do físico e do sensível, sendo esta, portanto, uma educação virtuosa. Logo, o homem necessita de uma formação que atenda ao desenvolvimento de habilidades intelectuais e corporais, porque antes de atender às necessidades da fábrica o homem necessita, primeiramente, atender as suas necessidades. A nosso ver, parece-nos insuficiente educar apenas o indivíduo competente e capaz de competir e fazer parte do mercado de trabalho, ou de exercer apenas uma determinada função nesse processo mercantil, como propõe a educação contemporânea, sendo uma educação mercadora, simplesmente, para o trabalho. Urge, portanto, no dizer de Teixeira, que se faz necessário educar e formar o homem ético, participante de uma comunidade humana, e, como tal, incidente sobre a sua realidade social, tendo como ideário a sua transformação e manutenção.

Palavras-Chave: Platão. Formação. Contemporaneidade.

THE DICTONS OF PLATONIC PAIDEIA

ABSTRACT

The article is of bibliographical character and intends to analyze the formation of the man according to Plato, in the Republic dialogue, taking into account the possible contributions of this author to the contemporary thought. We will start from the questions: a) To what extent can the philosopher's work assist in the formation of man in the present day? b) What is the ideal of Platonic formation? c) Can this thought bring answers to the current needs of "education", especially when we refer to the integral formation of man? Our pretension is to show that the old thought can point us some ways to some current needs, especially when

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: acaciouepb@gmail.com

contemporaneity demands from the subject the need to relate to others. However, we are challenged to think of an integral education, which contributes to the formation of the physical and the sensitive, which is therefore a virtuous education. Therefore, man needs a formation that attends to the development of intellectual and corporal abilities, because before meeting the needs of the factory the man needs, firstly, to attend his needs. In our view, it seems to us insufficient to educate only the competent individual capable of competing and participating in the labor market, or of exercising only a certain function in this mercantile process, as contemporary education proposes, being a merchant education simply for the work. It is therefore urgent, in the words of Teixeira, that it is necessary to educate and to form the ethical man, participant of a human community, and, as such, incident on its social reality, having as its ideals its transformation and maintenance.

Keywords: Plato. Formation. Contemporaneity.

1 INTRODUÇÃO

A educação é parte constitutiva para o desenvolvimento humano. Na obra *A Republica*, Platão nos mostra que a educação é o ponto ápice, o grau de aperfeiçoamento mais saudável da maturidade intelectual do ser. A educação pensada por Platão assume uma perspectiva de aprendizagem coletiva, associado ao um processo gradativo e de recordação das ideias. A educação platônica deve estar voltada para a formação humana e intelectual, beneficiando-se da dialética e da filosofia.

Diante disso, a presente pesquisa versa sobre a compreensão da educação grega, como principal meio da formação do homem. Pretende-se discutir neste trabalho que a educação integral na formação dos indivíduos tem como função formar seres virtuosos, capazes de agir em diversas circunstâncias apresentadas pela vida. Nesse sentido, o nosso objetivo a princípio é analisar a formação ensaiada por Platão, levantando o questionamento: *em que medida o pensamento clássico grego pode trazer respostas às necessidades atuais da educação, especialmente quando nos referimos à formação de valores éticos e morais*. Com isso, pretendemos mostrar que o caráter da educação não deveria ser somente técnico, seu principal objetivo deveria predispor a alma, intelectual e moralmente, para a percepção das ideias e princípios dos quais dependerão tanto seu bem-estar individual como o do outro. Com isso, para aprofundarmos nossa pesquisa, traremos como referencial teórico o diálogo *A República*, obra que, em nosso entendimento, trata de uma educação na sua plenitude. Acreditamos que o ato de educar é por excelência um ato de formar seres virtuosos e mais completos.

Não há educação consistente sem valores éticos. Dizendo de forma diferente, a educação Grega tem por objetivo final lapidar o homem tornando-o conhecedor de práticas virtuosas capazes de ensiná-lo a viver em estado justo. Desta maneira, explorar as relações educacionais enquanto desejo da arte do bem, proporciona-nos uma visão mais positiva e aberta da realidade de cada indivíduo, objetivando um crescimento interior capaz de mudança de vida.

Mediante esta compreensão de educação, o que queremos dizer é que a nossa preocupação, é a de Platão, na qual se destina a possibilidade da existência de uma educação harmoniosa na contemporaneidade. Neste sentido, o próprio Platão nos dá a resposta no diálogo *A República*, mostrando-nos que uma boa educação consiste naquela encontrada ao longo dos tempos pelos antigos, ginástica para o corpo e a música para a alma, como

prescrevia a tradição. Portanto, acreditamos que educar tem muito a ver com humanizar, e não somente formar tecnicamente. Destarte, educar é gerar compreensão e não adestramento.

Na primeira seção deste trabalho intitulado *A sistematicidade da Formação Socrática*, partimos do pensamento de Sócrates ao entendermos que a proposta do projeto de formação da *polis* ideal nasce na busca pelo encontro da prática habitual das virtudes vivenciadas pelo homem de Atenas, como propõe o pensador antigo. Para Sócrates, o processo educacional do homem se dá por meio da necessidade que os homens têm de conhecer, logo, todo e qualquer projeto de educação deverá dirigir o homem para o reconhecimento do seu não saber, abandonando os conceitos prontos, da realidade, os quais para Platão são meras *doxas*.

Já na segunda parte da pesquisa, a qual tem como título *A "alegoria da caverna": o projeto educacional platônico* trás para a discussão a problemática filosófica reflexiva sobre a educação, a partir do olhar da *"alegoria da caverna"*. Platão entende que a educação é uma necessidade do homem, o homem precisa abandonar a sensibilidade para atingir as ideias. Para Platão, a formação do homem deverá ser dirigida para atender a sua atuação dentro do Estado, haja vista que para os gregos se fazia necessário que todos os cidadãos participassem de forma direta da política.

Segundo Platão, é possível compreender que o próprio homem é o Estado em si mesmo e que, portanto, necessita de um guardião para comandá-lo e educá-lo. O homem precisa ser um guardião de si mesmo devendo privar-se dos prazeres; por isso, a educação deverá se dirigir à prática das virtudes enquanto formadora de homens conhecedores de si mesmos. Ademais, a função a priori da educação é a humanização, ou seja, educar o ser humano implica ajudá-lo a torna-se humano. De que forma? Por meio das virtudes. Porque, através da prática da justiça, da prudência, sabedoria e fortaleza chegamos a ser virtuosos, para assim, alcançarmos o bem supremo e absoluto. Portanto, o homem é feliz quando pratica uma ação virtuosa.

Sendo assim, é possível a partir do pensar de Platão fazermos uma crítica à escola, a qual desde o projeto iluminista tem se tornado cada vez mais uma instituição criada para cumprir um projeto de governo, ou seja, um projeto de adaptação de pessoas a um sistema, a um modelo pré-determinado. Ou seja, a escola moderna foi criada para criar só uma parte do homem, esquecendo do Ser na sua completude. Em suma, acreditamos que a partir deste trabalho poderemos contribuir para a difusão de conhecimentos sobre a filosofia e a educação enquanto problemáticas modernas, visto que a cada momento nascem novos homens e mulheres, os quais necessitam de uma educação que os conduzam a serem seres humanos íntegros, a obedecer e comandar a si mesmo, além de serem cidadãos para o Estado que habitam.

2 A SISTEMATICIDADE DA FORMAÇÃO SOCRÁTICA

Sócrates, um dos principais nomes da antiguidade, formulou um método educacional que tinha como característica a *maieutica*: “a arte de parir ideias”, ao ressaltar que “a minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partear mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto²” (PLATÃO, 2001, p. 47). Logo, acreditamos que o processo de formação dos sujeitos pressupõe um acompanhamento, concedendo ao ser humano valorizar o seu maior atributo, qual seja, sua racionalidade e que, portanto, necessita ser conhecedor de si e do universo.

² PLATÃO, *Teeteto*, 150c.

Dessa forma, apontamos que os relatos de seu modo de educar ficaram a cargo, nesse sentido, de seus discípulos Xenofonte³, Aristófanes⁴ e Platão. Embora os dois primeiros discípulos tivessem concorrido para essa tarefa, o pensamento socrático ficou mais conhecido por intermédio das obras de Platão, particularmente, pelos chamados *diálogos socráticos*. Para compreendermos a que se referem os *diálogos socráticos*, Silva e Pagni (2007, p. 19) nos apresentam:

Sócrates é apresentado, por Platão, como o personagem central que transmite ou que defende as próprias ideias, tal como ocorre na *Apologia de Sócrates*, no *Críton*, no *Laques*, no *Lísis*, no *Cármides* e no *Eutrifon* ou, então, em algumas passagens do *Protágoras*, do *Górgias* e do *Ion*. E são denominados de socráticos porque não apenas reproduzem suas ideias, como também são aporéticos, isto é, ao conceituar as virtudes (como a coragem, a amizade, entre outras) não as define de modo conclusivo, deixando a questão em aberto tal como indicado por Sócrates. (SILVA; PAGNI, 2007, p. 19).

A figura de Sócrates no pensamento platônico se dirige a centralidade da influência do próprio Sócrates na vida pessoal e filosófica de Platão. Segundo Silva e Pagni os *diálogos socráticos* nos conduzem ao cerne da problemática das ideias e dos conceitos acerca da virtude, o que para nós significa que eles nos encaminham na busca pela sabedoria, justiça, coragem e temperança em um ideário de formação.

Nos diálogos chamados *socráticos*, Sócrates educa em praça pública todos que dele se aproximam. Seu modo de questionar as pessoas por meio de perguntas e questões referentes ao cotidiano levaria o indivíduo a trazer para o plano da consciência aquilo que talvez estivesse em opiniões não fundamentadas. Ainda, em relação à *arte de partejar*, Sócrates nos diz: "sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria⁵" (PLATÃO, 2001, p. 47).

Educar implica aprender a perguntar sobre a vida, na vida e com a vida. A vida também traz perguntas. O homem não apenas pergunta pela vida, senão também é perguntado por ela. Dentro dessa perspectiva, aparece a pergunta pelo sentido. Não sou eu que pergunto pelo sentido de minha vida, mas é a própria vida que me indaga a respeito da qualidade como eu a estou vivendo. (JAEGER, 1995, p. 927).

Assim, o método usado por ele tem um caráter dialético, de autorreflexão sobre a vida e na vida. Neste sentido, "a alma procura atingir por si mesma [o conhecimento]⁶" (PLATÃO, 2001, p. 101). É assim que queremos entender a famosa frase "conhece-te a ti mesmo", ou seja, aquele que conhece a si mesmo, que questiona a sua própria existência, tem a probabilidade de agir de maneira virtuosa, consigo mesmo e com os outros. O ser humano carece de conhecimento e, por isso, a educação deve conduzi-lo ao conhecimento. Entretanto, conhecer a si mesmo é ser capaz de entender que *o verdadeiro saber consiste em saber que não se sabe*. Neste sentido, Sócrates reconhece a sua ignorância ao contrário dos poetas, artesãos e políticos que se consideravam sábios em sua arte, expondo tal perspectiva Sócrates nos diz:

Mas, homens de Atenas, os bons artesãos pareceram-me ter uma falta, tal como os poetas. Por praticarem bem a sua arte, cada um deles julgava ser o mais sábio

³Xenofonte (430 a.C.-355 a.C.) foi um historiador, filósofo e general grego. Foi um dos discípulos de Sócrates. Relatou em suas obras diversos fatos importantes para a reconstrução histórica da época.

⁴Aristófanes (448 a.C - 380 a.C) foi um dos mais importantes dramaturgos da Grécia Antiga. É considerado um dos principais representantes da comédia grega.

⁵ PLATÃO, *Teeteto*, 150c.

⁶ PLATÃO, *Teeteto*, 186a.

noutros importantes assuntos, e essa sua falta ocultava a sua sabedoria de tal modo que perguntei a mim próprio se preferia ser como sou. E respondi a mim próprio que preferia ser como sou: nem sábio, com a sabedoria deles; nem ignorante, com a ignorância deles; nem uma e outra coisa, simultaneamente, como eles são⁷. (PLATÃO, 1993, p. 75).

Para o filósofo, o homem que faz o uso da razão de maneira adequada vive melhor e, portanto, é finalidade da educação conduzir o homem ao uso correto de sua racionalidade. Neste sentido, poderíamos também afirmar que a educação contemporânea tem como desafio desenvolver no ser humano a sua racionalidade, preparando o seu corpo e a sua alma, além de buscar retirá-lo da sensibilidade e transportá-lo para a inteligibilidade.

Podemos salientar, ainda, que a forma adotada por Sócrates para programar a sua prática se dá por meio da necessidade que os seres humanos têm de conhecer, logo, todo e qualquer projeto de educação deverá dirigir o ser humano para o reconhecimento do seu não saber, abandonando os pré-conceitos acerca da realidade, os quais para Platão são *doxas* falsas. Para Sócrates, a *doxa* falsa "difere essencialmente do desajuste entre pensamento e sensação⁸" (PLATÃO, 2001, p. 117), conduzindo o indivíduo para outra esfera de conhecimento; já na *doxa* verdadeira "o conhecimento é opinião verdadeira [quando] acompanhada da explicação racional⁹" (PLATÃO, 2001, p. 125).

Sócrates faz uso de um método, como citado, de interrogação: *será que conhecemos o que dizemos que conhecemos?* Neste contexto surge a maiêutica socrática, neste sentido, afirma Gilles (1983): o método da maiêutica pretende levar o indivíduo, gradativamente, do apego ao objeto material, sensível (que está sempre em processo de modificação e, portanto, nunca proporcionará o conhecimento científico) à ideia, único objeto adequado de um conhecimento verdadeiro. Um outro autor que nos ajuda nesta compreensão é Pagni (2007), mostrando-nos que a dificuldade para se chegar à verdade se deve ao envolvimento de cada um com o mundo exterior, que de certa forma dita preconceitos e enreda a todos nas teias dos valores e dos costumes consagrados na vida pública. É nesse movimento que Sócrates busca, com a sua pedagogia¹⁰, deslocar a atenção do mundo exterior para a contemplação interior. Neste sentido, a pretensão do *diálogo socrático* dentro do processo de formação é refletida por Jaeger (2013, p. 563) ao estabelecer que:

[...] o tema do diálogo socrático é a vontade de chegar com outros homens a uma inteligência, que todos devem acatar, sobre um assunto que para todos encerra um valor infinito: **o dos valores supremos da vida**. Para alcançar este resultado, Sócrates parte sempre daquilo que o interlocutor ou os homens de modo geral aceitam (JAEGER, 2013, p. 563). **(Grifos nossos)**.

Para Jaeger (2013), o processo de formação socrática se dirige a um ensino pautado na prática dos *valores supremos da vida*, a partir do desenvolvimento do hábito e, conseqüentemente, do respeito, os quais no pensar de Sócrates fazem referências às virtudes. E isso se difere da educação contemporânea, que não se destina mais a formação dos valores morais, mas, unicamente, a uma formação que destoa a ideia de cidadania, confundida com uma formação moral, a qual se compromete unicamente a formação do operário.

⁷ PLATÃO, *Apologia*, 22d-c.

⁸ PLATÃO, *Teeteto*, 196c.

⁹ PLATÃO, *Teeteto*, 201c-d.

¹⁰ Se faz necessário ressaltarmos que o método *maiêutico* pretendido por Sócrates de Atenas diverge de uma *pedagogia de escolarização* como encontramos no processo de formação dos sujeitos na sociedade contemporânea. A *arte de partejar* estabelecida por Sócrates se direciona ao encontro com a *verdade* enquanto conhecimento, o qual é *doxa* verdadeira, a partir da prática constante das virtudes.

Entretanto, para Platão é pela dialética, movimento circular, que o ser humano chegaria a um profundo conhecimento de si e ao reconhecimento dos próprios limites de seu saber, recusando o que é aparente e imaginário para se lançar na busca do que é e do que deveria ser o belo, o justo e o verdadeiro. Por isso, em relação à *finalidade da educação*, o pensador antigo expõe que: "os nossos filhos devem logo participar em jogos mais conformes com a lei, pensando que, se eles lhe forem contrários, é impossível que daí se formem homens cumpridores da lei e honestos¹¹" (PLATÃO, 2001, p. 170). Em Platão, vemos que antes de tudo a educação tem que cumprir a um objetivo moral, o qual torna o ser humano respeitoso à lei e honesto, para que seja legislador dos seus desejos, ou seja, de si mesmo e, posteriormente, um guardião da cidade, a qual ele legisla e educa.

Neste sentido, conforme Reale e Antiseri (1990), a mais significativa manifestação de excelência da razão humana se dá naquilo que Sócrates denominou "autodomínio", ou seja, domínio de si mesmo nos estados de prazer, dor e cansaço, no urgir das paixões e dos impulsos, o autodomínio seria a base da virtude, por isso, cada ser humano deveria procurar conquistá-lo. O verdadeiro homem livre é o que sabe dominar os seus instintos. Em síntese, não se trata de impor ou transmitir um conhecimento de fora, mas sim de despertar aquilo que o indivíduo já possui. De um modo geral, Sócrates propõe um sistema de desenvolvimento moral dos indivíduos, a partir do estabelecimento da prática das virtudes e da necessidade do sujeito conhecer e reconhecer a sua ignorância.

3 A "ALEGORIA DA CAVERNA": O PROJETO EDUCACIONAL PLATÔNICO

A República platônica, sem sombra de dúvida, é um subsídio insubstituível para qualquer programa educacional. O diálogo mais famoso de Platão por ser tido, assim, como a primeira grande obra de Filosofia da Educação. O tema central do diálogo é a política; mas, para criar uma sociedade perfeita, objetivo da filosofia política platônica, é preciso educar seus membros.

Neste tópico nos deteremos ao Livro VII que narra o que os intérpretes da obra platônica denominam de *mito, símile ou alegoria da caverna*. Para tanto, partiremos da pergunta: *O que Platão intenta com o mito da caverna?* Mas antes de responder a essa pergunta vejamos o que Jaeger fala sobre o diálogo *A República*:

A República platônica é, antes de tudo, uma obra de formação humana. Não é uma obra política no sentido habitual do político, mas sim no seu sentido socrático. [...] o homem perfeito só num Estado perfeito se pode formar, e vice-versa: a formação desse tipo de Estado é um problema de formação de homens. É nisso que se baseia o fundamento da correlação absoluta que existe entre a estrutura interna do homem e a do Estado, entre os tipos de Homem e os tipos de Estado. E isto explica igualmente a contínua tendência de Platão a sublinhar a atmosfera pública e a sua importância para a formação do homem (JAEGER, 2013, p. 844-845).

A partir do pensamento exposto por Jaeger (2013) é possível estabelecermos uma compreensão acerca do diálogo platônico, *A República*. Logo, o fim da República é conduzir o ser humano a uma formação, a qual permite ao ser humano se tornar humano. A partir do ideário do *Estado Perfeito* presente n'*A República*, como expõe Jaeger (2013) enxergamos que Platão se propõe a formação do homem no objetivo deste atingir, inicialmente, de modo interno, o Estado Ideal e, posteriormente, de modo externo. Neste sentido, a formação do ser humano deverá ser dirigida à sua atuação dentro do Estado, haja vista que para os gregos se fazia necessário que todos os cidadãos participassem de forma direta da política. Ainda, é

¹¹ PLATÃO, *A República*, 424e.

possível compreender que o próprio ser humano é o Estado em si mesmo e que, portanto, necessita de ser um guardião para comandá-lo e educá-lo. Neste sentido, o ser humano precisa ser um guardião de si mesmo devendo privar-se dos prazeres, por isso, a educação deverá se dirigir a prática das virtudes enquanto formador de homens conhecedores de si mesmos. Com essa introdução assinalada por Jaeger sobre uma compreensão geral de *A República*, nos dirigiremos a uma análise da *alegoria da caverna* unida a uma compreensão do processo de formação. Platão narra no início do livro VII, do diálogo *A República*, o seguinte:

Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se constitui um pequeno muro, no gênero de tapumes que os homens dos <<robertos>> colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades por cima deles¹². (PLATÃO, 2001, p. 315).

Nessa primeira parte do mito, ao realizarmos uma analogia com o mundo que nos encontramos, percebemos de maneira clara as amarras que muitas vezes a sociedade nos propõe, nos imobilizando por meio das meras informações sombrias de uma sociedade ainda não velada, uma sociedade prisioneira. Lídia Maria Rodrigo, em sua obra *Platão e o debate educativo na Grécia Clássica* ao discutir sobre a problemática do *Mito da caverna: uma alegoria do processo de educação da alma* nos ressalta que:

O próprio Platão oferece elementos interpretativos do mito. A caverna representa o mundo sensível em que vivemos. A subida à região exterior à caverna e a contemplação das realidades superiores a ascensão da alma em direção ao mundo inteligível e as metamorfoses que nela vão se processando, como fruto dessa ascensão (RODRIGO, 2014, p. 109).

Para Rodrigo (2014) o "*mito da caverna*" se configura como possibilidade de educação da alma e que, portanto, permite ao homem aprisionando encontrar a sua liberdade ao ser educado por ela, quebrando os grilhões da sensibilidade para atender as determinações do *logos*, o inteligível. Ainda, é dever da educação garantir ao homem a sua ascensão, em contrapartida, é dever do homem obedecer ao que a razão estabelece.

A narrativa ao falar de prisões nos mostra as múltiplas correntes que nos encadeiam; logo, a pior cadeia que o homem poderá vivenciar é a escravização de si mesmo pelos prazeres. Ainda sobre esse trecho do mito, outra coisa que não podemos deixar de lado, é que o estado de coisas ao nosso redor nos coloca correntes ao persuadir-nos por um conhecimento falso, os quais nos prendem a coisas supérfluas e vazias, as quais no mundo contemporâneo, por exemplo, nos são ofertadas pelo meio do consumo capitalista industrial através da manipulação das mídias de massa mercantis. Portanto, atualizando o diálogo platônico, seria essa uma das preocupações de Platão ao estabelecer um projeto de formação para o homem, visto que o homem deva ser persuadido simples pela voz do *logos*.

Na teoria da tripartição da alma presente em *A República*, Platão põe como pressuposto no processo de formação do homem a necessidade de conduzi-lo ao encontro da *justiça* e das *virtudes*, devendo a parte *racional* da alma legislar e educar as demais partes do corpo. Em relação à problemática da *justiça* e das *virtudes* na construção da cidade e presente formação deste, Platão no diz que: "a cidade pareceu-nos justa, quando existiam dentro delas três espécies de naturezas, que executavam cada uma a tarefa que lhe era própria; e, por sua

¹² PLATÃO, *A República*, 514a-b.

vez, **temperante, corajosa e sábia**, devido a outras disposições e qualidades dessas mesmas espécies¹³" (PLATÃO, 2001, p. 189) (**Grifos nossos**). A partir do que expõe Platão se faz necessário que a educação conduza o homem à prática da *justiça*, logo, para que o homem alcance a *justiça* se faz necessário que desde criança ele seja conduzido a vivenciar a busca constante da *temperança*, da *coragem* e da *sabedoria*.

Assim, a busca pela prática diária e o entendimento sobre as virtudes existem devido à necessidade de equilíbrio da alma. Segundo Platão a alma "raciocina, [através do] elemento racional [...], e aquele pelo qual ama, tem fome e sede e esvoaça em volta de outros desejos, [por intermédio do] elemento irracional e da concupiscência, companheiro de certas satisfações e desejos¹⁴" (PLATÃO, 2001, p. 197). Por isso, é dever da educação permitir que o homem eduque a sua alma por intermédio das virtudes em busca de alcançar a *justiça*. A educação deve ser um processo possibilitador da racionalidade, a qual subordinada à irracionalidade e a parte colérica da alma à razão. Aqui compreendemos que é dever da educação permitir ao homem ser *logos*, não somente em palavras, mas, também em ação; por isso, cabe a educação ter como finalidade a condução do homem à luz, retirando-o das trevas da ignorância.

Já na segunda parte da *alegoria da caverna* Platão narra:

Veja também ao longo deste muro homens que transportam toda a espécie de objetos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toda a espécie de lavor; como é natural dos que transportam uns calam outros ficam calados¹⁵. (PLATÃO, 2001, p. 315).

A educação não poderá ser jamais uma caverna escura, a educação não deverá ser uma caverna, a qual forma meros formadores de opinião. Os meros formadores de opinião apenas geram o conhecimento de imagens. As pessoas, as quais Platão destaca como meros formadores de opinião se referem ao grupo secundário e, portanto, inferior da cidade. Logo, é um seguimento que diz saber um pouco mais, o qual é tomado pela vaidade, que quando começa saber um pouco mais, pensa que sabe; sentindo-se no direito de opinar sobre tudo. Fazendo uma alusão para os dias atuais, constatamos que estes se configuram nas mídias em geral. Portanto, as mídias de massa dentro de uma analogia ao projeto educacional platônico se configurariam ao mundo das opiniões, ou seja, ao espaço da sensibilidade, o qual abarca, meramente, as sombras, as imagens e os seres em geral. Hoje existem pessoas que não se preocupam em conhecer, que se acomodam aos padrões de vida, são como homens dentro de uma caverna acorrentados, os quais são, portanto, prisioneiros de si mesmos e do sistema que os acorrenta.

Platão, então, aposta numa outra esfera, o que para nós corresponderia a um terceiro grupo de pessoas: o daqueles que não sabem e sabem que não sabem. Estes, em uma visão socrática, teriam a humildade de confortarem-se os que sabem. E estes fundamentariam um modo de pensar diferente daqueles que sabem. Logo, quando o homem reconhece o seu não saber e se propõe a deixar a caverna escura da ignorância e busca aqueles que possuem o conhecimento, Platão nos diz que:

[Precisa] de se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, reflectidas na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que

¹³ PLATÃO, *A República*, 435b.

¹⁴ PLATÃO, *A República*, 439d-e.

¹⁵ PLATÃO, *A República*, 514b-c.

se fosse o Sol e o seu brilho de dia. [...]. Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar¹⁶ (PLATÃO, 2001, p. 317).

O processo educacional pensado por Platão se configura num ato dialético, o qual retira o homem das trevas e o conduz à luz ou que o retira da prisão e conduz à liberdade ou que o retira da ignorância e o conduz ao conhecimento. Ou seja, o processo educacional pensado por Platão faz referência a passagem do homem da sensibilidade à inteligibilidade. Logo:

O mundo inteligível é o mundo das verdadeiras realidades, das essências imutáveis; como possuem maior grau de ser, as Ideias são o ser na plenitude, o verdadeiro ser. O mundo sensível é uma cópia degradada dessa realidade perfeita e imutável; ao se exprimirem nas coisas materiais, as ideias degradam-se, tornam-se existências mutáveis e perecíveis. Assim, o mundo sensível em que vivemos constitui apenas uma sombra ou uma imperfeita imitação de um original eterno e perfeito: o mundo das Ideias (RODRIGO, 2014, p. 104).

A partir do exposto por Rodrigo (2014) enxergamos que a educação se destina a um grande desafio, porque há a necessidade de retirar o homem da realidade imperfeita, do espaço das cópias a fim de conduzi-lo ao *mundo das ideias*, ou seja, à inteligibilidade. Todavia, Rodrigo ressalta que "a maior parte da humanidade permanece na caverna, contentando-se com o conhecimento do senso comum, que acredita nas aparências das coisas e a confunde com a verdadeira realidade" (RODRIGO, 2014, p. 109).

Em Platão, a dialética nasce do embate entre a *opinião*, que se apoia na experiência sensível, e o *conhecimento*, que se escuda na razão. Logo, "a educação é um processo [que] supõe etapas, cujo percurso, começa na *doxa* (opinião) e culmina na *episteme* (ciência)" (RODRIGO, 2014, p. 110). A opinião se funda na ilusão, pois tem como ponto de referência apenas as sombras, cópias ou reflexos das verdadeiras realidades; ela se difere dos modelos ou formas que se encontram no mundo ideal. Neste sentido, acreditamos que essa prática estabelecida pelo filósofo abre as portas para o conhecimento dos verdadeiros valores: o belo, o bem, a justiça, cujos modelos ou formas perfeitas também se encontram no mundo ideal. Logo, a dialética platônica é um esforço de reflexão orientado para o ideal, o verdadeiro, isto é, a sensação já tem o testemunho da inteligência. Se consigo entender que a sensação tem essa qualidade, então já estou aprendendo em um segundo grau. Ou seja, primeiro a sensação testemunha, depois ela sabe que testemunha; posteriormente, ela sabe que sabe; embora seja necessário que a opinião esteja apoiada na razão para ser verdadeira, como afirma Platão: "conhecimento é diferente de sensação¹⁷" (PLATÃO, 2001, p. 102). Logo, a sensação não se apóia na razão. Desse modo, atingimos um segundo grau que Platão chama de *Dóxa*, a qual não conduz ao espaço das ideias por não ser ancorada na razão. Todavia, se faz necessário ao homem atingir o terceiro degrau do conhecimento, sendo este o da Ciência. Por isso:

O método dialético é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los às artes que analisamos¹⁸ (PLATÃO, 2001, p. 347).

A partir do exposto acima compreendemos que um possível caminho para entendermos esse processo é o da organização do pensamento, seja por intermédio da

¹⁶ PLATÃO, *A República*, 516a-b.

¹⁷ PLATÃO, *Teeteto*, 186e.

¹⁸ PLATÃO, *República*, 533c-d.

tradição, seja por meio das leis da natureza. Contudo, a proposta de Platão é que se vá pela tradição e, depois de muito exercitar o conhecimento, começamos a intuir saindo do espaço da materialidade em vista ao alcance das ideias, as quais são formas. É dever da educação conduzir o homem ao conhecimento, ensinando-o a apreender, a tirar de dentro de si o conhecimento. Para Platão, a educação é compreendida como uma *arte*, a qual retira o homem da ignorância e o conduz ao conhecimento racional, visto que:

A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar a volta a esse órgão, não a de o fazer obter a visão, pois já a tem, mas, uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso¹⁹ (PLATÃO, 2001, p. 321).

Para Platão, a educação é um instrumento que dirige a correta visão, a qual direciona o olhar do homem para o conhecimento racional, perfeito e imutável. Ainda, Platão nos conduz à compreensão de que o conhecimento não é dado com facilidade, mas é preciso conquistá-lo com muito esforço (é o que vemos na alegoria). Logo, o primeiro esforço corresponde à tentativa de se livrar das correntes, para sair do muro que separa, para subir o barranco, para atingir a luz forte. Em contrapartida, "embora a alma possua dentro de si a faculdade de aprender, compete à educação indicar a direção correta a ser conferida ao órgão pelo qual aprende" (RODRIGO, 2014, p. 111).

Platão quer nos ajudar a sair da ignorância para a luz da razão. Em outras palavras, o conhecimento não vem de fora para o homem, mas é um esforço da alma para apoderar-se da verdade. Por isso, "a arte da educação tem entre suas metas essenciais a conversão, ou mudança de direção da alma, do sensível para o inteligível" (RODRIGO, 2014, 112). Entretanto, uma das coisas que não devemos esquecer é que enquanto Sócrates afirmava que todos têm a capacidade para adquirir conhecimentos, os quais já existiam dentro de si, Platão afirmava que apenas algumas pessoas tendem ao conhecimento racional: "para alcançar o grau supremo do conhecimento, é preciso afastar a alma de tudo o que se altera, quer dizer, do sensível" (RODRIGO, 2014, p. 111). O fim da educação para Platão é a formação moral do homem e o meio para atingi-la é o Estado por intermédio do processo de formação, na medida em que ele representa a ideia de justiça. Em síntese, podemos dizer que a ideia central da pedagogia platônica é a formação do homem moral dentro de um Estado justo.

No *Banquete*, Platão diz que a contemplação da beleza, da unidade dessa multiplicidade de coisas, como que faz acordar as nossas asas e nos desperta para o amor, ou seja, quando se vê uma pessoa bela aquela visão nos move, nos conduz, puxa para essa outra realidade, nos dirige ao encontro com o *belo*. E esse amor pode ser purificado por ser ajuizado pela razão. No *Banquete* somos direcionados a refletir o processo educacional platônico direcionado ao desejo de desenvolver o homem para o encontro com o belo, visto que a verdadeira educação se destina ao belo, ao perfeito e imutável. No *Banquete* é narrado por Platão que:

A atividade mais distinta, mais brilhante, é sem dúvida a que envolve os negócios do Estado, a administração dos bens privados, e leva o nome de inteligência, de justiça. Quando o espírito de alguém é fecundado por essas atividades já na juventude, esse alguém, ser divino que é, atento aos rumores da idade, avança no ímpeto de gerar, de produzir, procurando em torno de si, o belo em que possa gerar²⁰. (PLATÃO, 2014, p. 107).

No pensamento platônico a educação é uma atividade que envolve o Estado. Logo, acreditamos que dentro de cada homem há um *Estado Interior*, o qual necessita ser

¹⁹ PLATÃO, *A República*, 518d.

²⁰ PLATÃO, *Banquete*, 209a.

administrado com inteligência e justiça. Ainda, é dever da educação conduzir o homem ao encontro com o belo, porque o processo formativo dos homens "deve acabar no amor do belo"²¹ (PLATÃO, 2001, p. 136). Platão compreende que a *música* tem o poder de dirigir o homem ao belo, visto que "a alma boa, pela sua excelência, permite ao corpo ser o melhor possível"²² (PLATÃO, 2001, p. 136).

Além disso, a educação é capaz de gerar o belo no *Estado Externo*, o qual o homem habita enquanto cidadão, a partir da prática das virtudes, tendo em vista, o alcance da justiça. Por isso, a educação exige "um voltar da alma de um dia que é como trevas para o verdadeiro dia, ou seja, a sua elevação até à realidade, que diremos ser a verdadeira filosofia"²³ (PLATÃO, 2001, p. 326).

Portanto, no presente texto, esboçam-se indícios de uma contribuição positiva do pensamento platônico para a educação contemporânea, uma vez que os processos de ensinar e aprender necessariamente devem contemplar a formação não apenas do exercer uma função determinada, mas igualmente do fortalecimento da virtude. Por isso, Platão afirma que "a educação não é o que alguns apregoam que ela é"²⁴ (PLATÃO, 2001, p. 320).

O que queremos dizer com isso é que, na ótica platônica, atualizando seus métodos educacionais, a educação como mera formação técnico/econômica é considerada superficial e indigna. Para o filósofo, a educação tem por prioridade a ascensão dos valores inatos à natureza humana. Ou seja, a virtude deve ser o primeiro treinamento de qualquer indivíduo, esse modo de conduzir o ser tem por prioridade a harmonização do sentimento dócil da razão. Isso é o que Platão denomina, como fase inicial da educação e visto que somente depois teremos a formação intelectual.

Platão ao retratar no diálogo *Leis* acerca do processo de formação dos sujeitos, ao determinar que a educação deva retirar o homem dos vícios e conduzi-lo a prática das virtudes. Narra que:

Na circunstância de o prazer, a amizade, a dor e o ódio aí terem a sua origem – segundo aquele processo que habitualmente se verifica nas almas, mesmo antes que a razão possa despertar – e de, além disso, entrarem os sentimentos numa espécie de acordo com esse mesmo processo, sublinhando a circunstância de terem na verdade aqueles sido bem formados, devido à prática de hábitos apropriados, deverá certamente esse acordo [o processo de formação] corresponder à virtude total. Não obstante, aquela parte que nos enforma de modo a nos tornarmos aptos a fazer correcto uso tanto do prazer como da dor e que, além disso, nos faz odiar aquilo que é necessário [que] seja odiado ou, então, nos faz amar aquilo que merece ser absolutamente amado – é o que a razão há-de isolar e justamente denominar "educação", uma denominação que, conforme julgo, é correcta. (PLATÃO, 1980, p. 126).

A educação deverá conduzir o homem ao equilíbrio dos prazeres e desejos, porque a razão desperta no homem a harmonia entre os impulsos da sensibilidade e aos ditames da razão. Todavia, se faz necessário que o homem se encaminhe para aquilo que a razão determina. A educação é que permite ao homem discernir entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, entre os vícios e as virtudes. Logo, a educação deverá tornar-se um hábito da prática das virtudes em rejeição aos vícios, a fim de que seja evitado a dor e o sofrimento, por isso, a educação conduz a amar o que deve ser amado e odiado o que deve ser odiado.

Outrossim, Platão defende uma ideia que, paradoxalmente, sustenta grande parte da pedagogia atual: não é possível ou desejável transmitir conhecimento aos alunos; antes, e em

²¹ PLATÃO, *A República*, 404c.

²² PLATÃO, *A República*, 404d.

²³ PLATÃO, *A República*, 521c.

²⁴ PLATÃO, *A República*, 518b.

primeiro lugar, a educação deverá levá-los a procurar respostas neles mesmos e nas suas inquietações. O papel da educação é a formação integral do homem, torná-lo um ser crítico, criativo, com possibilidades de crescimento, que tenha compromisso com a ética e a partir da sua liberdade construa seus próprios pensamentos e conclusões sobre a realidade e o meio em que vive. Por isso, o filósofo rejeita métodos de ensino autoritários. Nesta perspectiva, Platão nos apresenta que:

A libertação das algemas e o voltar-se das sombras para as figurinhas e para a luz e a ascensão da caverna para o sol, uma vez lá chegados, a incapacidade que ainda têm de olhar para os animais e plantas e para a luz do sol, mas, por outro lado, o poder contemplar reflexos divinos na água e sombras, de coisas reais, e não, como anteriormente, sombras de imagens lançadas por uma luz que é, ela mesmo, apenas uma imagem, comparada com o sol – são esses os efeitos produzidos por todo este estudo das ciências que analisámos; elevam a parte mais nobre da alma a contemplação da visão do mais excelente dos seres, tal como há pouco a parte mais clarividente do corpo se elevava à contemplação do objecto mais brilhante na região do corpóreo e do visível²⁵. (PLATÃO, 2001, p. 345).

Outro destaque na formação do sujeito é que, no processo humanizante, o ser inquieto consigo mesmo aprenda a se perguntar sobre a vida, na vida e com a vida. Porém, não ficamos isentos das interpelações da vida. Como nos ensina Teixeira (1999, p.12), não sou eu que indago pelo sentido de minha vida, “mas é a própria vida, com suas incertezas, impasses, imprevisibilidade, amarguras e gozos estimáveis, com suas verdades e loucuras, faces e interfaces merecedoras de reflexões.”

De acordo com Werner Jaeger (2013, p. 982) ao retratar o processo de aprendizagem da formação do homem:

A juventude não deverá furtar-se à sua disciplina e buscar a liberdade, enquanto não se instalar e criar raízes no seu interior esta *politeia*: o império do divino sobre o animal no homem. O homem que Platão chama de justo não encontra nenhum ponto de apoio para a sua educação no Estado real, que não passa de um reflexo obscurecido da natureza humana superior. (JAEGER, 2013, p.982).

A partir do que Jaeger (2013) expõe compreendemos que a educação existe porque o homem vive e sua vida necessita ser guiada conforme os dizeres da razão. A educação deverá ensinar o homem a perguntar por si mesmo e sobre a sua vida, dando a ele a capacidade de refletir sobre o seu agir. Assim sendo, acreditamos que a educação deve ser um ato de constante aquisição do conhecimento do bem, da verdade, da felicidade, do belo, do saber, do perguntar sobre a vida e suas múltiplas realidades, como mencionado anteriormente, por isso, "o homem justo [...] respeita à noção de justiça²⁶" (PLATÃO, 2001, p. 189). Só assim, diz Platão, conseguiremos controlar os instintos, a ganância e a violência. Esse seria um antídoto para construirmos um mundo mais justo, com pessoas justas.

Ainda sobre a construção do conhecimento, aduz Teixeira (1999, p.17) que a mente não é algo de passivo em que se imprime o conhecimento, como um copo que precisa ser preenchido, nem podemos criar a imagem de um homem como depósito, como baú. E é aqui que Platão faz sua crítica. Na visão educacional de hoje percebemos que o conhecimento é colocado na alma humana como se viesse de fora. Percebemos que o professor tem a mera intenção de transmitir um conteúdo que tem na mente e fazer com que esse conteúdo se torne a alma daquele sujeito que escuta. Nesta perspectiva, vemos que na fala está embutido um ideal de homem, ou seja, de natureza humana. O ideal de educação, o que é essa educação de hoje? Qual sua finalidade? A educação é uma condução, é um meio para formar o homem

²⁵ PLATÃO, *A República*, 532b-c-d.

²⁶ PLATÃO, *A República*, 435b.

justo, logo, esta é necessária porque "quem é novo não é capaz de distinguir o que é alegórico do que o não é"²⁷ (PLATÃO, 2001, p. 90).

Então, qual o ideal de formação platônica? Para ele, não há educação consistente sem valores morais. Dizendo de forma diferente, a educação Grega tem por objetivo final lapidar o homem tornando-o conhecedor de práticas virtuosas capazes de ensiná-lo a viver em estado justo. Desta maneira, explorar as relações educacionais enquanto desejo da arte do bem, proporciona-nos uma visão mais positiva e aberta da realidade de cada indivíduo, objetivando um crescimento interior capaz de mudança de vida. Por isso, "o conhece-te a ti mesmo", que vem de Sócrates, o admirar-se com a minha ingênua ignorância e, posteriormente, o fomentar da alma pela libertação das coisas desordenadas em busca da ordem, do saber.

A princípio tem que destacar que o processo formativo platônico, ou faces da vida, era dividida em 5 etapas e durava 50 anos.

- 1) dos 3 as 6 anos – exercícios físicos, dança e musica;
- 2) dos 7 aos 13 anos - introdução a uma cultura intelectual e aumento dos exercícios físicos, e a partir dos 10 anos, aprendizagem da leitura, escrita e cálculo por processos práticos;
- 3) Dos 13 aos 16 anos período da educação musical;
- 4) dos 17 aos 20 anos, período da educação militar;
- 5) dos 21 anos em diante: apenas os selecionados devem continuar a educação. Entre eles, selecionavam-se os futuros governantes, seguindo sua educação até os 50 anos.

Portanto, a educação seria um meio de selecionar as aptidões de cada uma, conforme a tendência do cidadão, artesãos; comerciantes; guerreiros e guardiões; reis-filósofos. Podemos dividir estas tendências em três virtudes, Temperança, coragem e sabedoria. Ou como diz Pagni e Silva, num livro intitulado introdução a filosofia da educação, para Platão, a cidade ideal seria aquela constituída de três estratos, a saber; o dos artesãos, ou trabalhadores; o dos guardiões ou sentinelas; o dos magistrados ou dos governantes; e estes viviam em perfeita harmonia, cada um desenvolvendo suas funções: o primeiro produzindo os bens materiais necessários à sobrevivência, o segundo protegendo das ameaças externas e internas, o terceiro cuidando do destino das leis necessárias ao seu perfeito funcionamento. Deste modo, o interesse maior seria a harmonia da polis.

Uma segunda questão pontuada é: Em que medida a obra do filósofo pode auxiliar na formação do homem nos dias atuais? De acordo com Jaeger: Educar implica aprender a perguntar sobre a vida. A vida também traz perguntas. O homem não apenas pergunta pela vida, senão também é perguntado por ela. Dentro dessa perspectiva, aparece a pergunta pelo sentido. Não sou eu que pergunto pelo sentido de minha vida, mas é a própria vida que me indaga a respeito da qualidade como eu a estou vivendo (JAEGER, 1995, p.927).

Assim sendo, acreditamos que a educação deve ser um ato de constante aquisição do conhecimento do bem, da verdade, da felicidade, do belo, do saber, do perguntar sobre a vida e suas múltiplas realidades, como mencionado anteriormente. Só assim, diz Platão, conseguiremos controlar os instintos, a ganância e a violência. Esse seria um antídoto para construirmos um mundo mais justo, com pessoas justas.

Uma terceira questão é: Será que esse pensamento pode trazer respostas às necessidades atuais de "educação", especialmente quando nos referimos à formação moral do homem? Ter a capacidade entre as possibilidades de escolher a melhor opção, de se avaliar, de se perceber em meio as relações e tomar a melhor decisão, esse era o papel de Sócrates. Para tanto, É necessário adquirir conhecimento, e conhecimento bom e verdadeiro. Sendo assim, vemos que a educação platônica constitui um tripé fundamental que é adquirir conhecimento, depois avaliar, e por fim escolher entre bem e mal.

²⁷ PLATÃO, *A República*, 378d-e.

Ainda mais, esboçam-se indícios de uma contribuição positiva do pensamento platônico para a educação contemporânea, vez que os processos de ensinar e aprender necessariamente devem contemplar a formação não apenas do exercer uma função determinada, mas igualmente do fortalecimento da virtude. O que queremos dizer com isso é que na ótica platônica a educação como mera formação técnico/econômica é considerada superficial e indigna. Para o filósofo, a educação tem por prioridade a ascensão dos valores inatos à natureza humana. Ou seja, a virtude deve ser o primeiro ensinamento de qualquer indivíduo, esse modo de conduzir o ser tem por prioridade à harmonização do sentimento dócil da razão. Isso é o que o Platão denomina educação, e só depois teremos a formação intelectual.

Igualmente, Platão defende uma ideia que, paradoxalmente, sustenta grande parte da pedagogia atual: não é possível ou desejável transmitir conhecimento aos alunos, sem antes e em primeiro lugar, levá-los a procurar respostas, eles mesmos, as suas inquietações (aqui entra a *ironia* socrática). O papel da educação é a formação total do homem, torná-lo um ser crítico, criativo, com possibilidades de crescimento, que tenha compromisso com a ética, moral e que a partir da sua liberdade construa seus próprios pensamentos formulando conclusões sobre a realidade e o meio em que vive.

O fim da educação, então, não era dar a informação sem base que, aliada a um verbalismo superficial e brilhante, constituía o ideal dos sofistas. Era ministrar saber ao indivíduo, pelo desenvolvimento do seu poder de pensamento. Todo indivíduo tem em si a capacidade de conhecer e apreciar tais verdades como as de fidelidade, honestidade, verdade, honra, amizade, sabedoria, virtude, ou pode adquirir essa capacidade. (PILLETTI, 1990.P. 33)

A educação, portanto, tem por finalidade um processo “humanizante”, o ser inquieto consigo mesmo, aprenda a se perguntar sobre seu papel na cidade, com o outro. Porém, como já esclarecido, não ficamos isentos das interpelações da vida. Como nos ensina Teixeira (1999), não sou eu que indago pelo sentido de minha vida, mas é a própria vida, com suas incertezas, impasses, imprevisibilidade, amarguras e gozos estimáveis, com suas verdades e loucuras, faces e interfaces merecedoras de reflexões.

Ainda sobre a construção do conhecimento, aduz Teixeira (1999) que a mente não é algo de passivo em que se imprime o conhecimento, como um copo que precisa ser preenchido, nem podemos criar a imagem de um homem como depósito, como baú. Percebemos, ainda, que o professor tem a mera intenção de transmitir um conteúdo que tem na mente e fazer com que esse conteúdo se torne a alma daquele sujeito que escuta. Nesta perspectiva, vemos que na fala está embutido um ideal de homem, ou seja, de natureza humana. O ideal de educação. Qual sua finalidade?

A observação que fazemos a escola moderna é que esta é uma instituição criada para cumprir um projeto de governo. Um projeto de adaptação de pessoas a um sistema, a um modelo. Ou seja, a escola moderna foi criada para criar só um pedaço do homem, esquecendo o todo.

Em síntese, certamente nós não pensamos hoje mais em termos de essências, temos uma ideia bastante diferente, mas a tarefa da educação/filosofia continua sendo a mesma, procurar o significado das coisas, do mundo. Acrescenta-se que, se é verdade que não mais explicamos o homem pela perspectiva platônica, continuamos enfrentando os mesmos problemas enfrentados por esse, isto é, o que é a verdade, como organizar a cidade para viver de forma digna, qual é o sentido da vida. Percebemos que as repostas filosóficas mudam muito ao longo da história. Mas as questões que a fizeram brotar permanecem. Mediante o cenário apresentado, o que devemos pontuar, é que a educação deve ser olhada por outra ótica, que não à do mero profissionalismo técnico e vazio. Devemos compreender a educação

como uma exigência de que cada um – professor ou aluno, pense sobre o próprio pensar, buscando sempre uma harmonia existencial, para o conhecimento de si e do outro.

A crítica que fazemos à escola é que desde o projeto iluminista a escola tem se tornado cada vez mais uma instituição criada para cumprir um projeto de governo. Um projeto de adaptação de pessoas a um sistema, a um modelo. Ou seja, a escola moderna foi criada para desenvolver somente uma parte do ser humano, esquecendo da integridade do seu ser.

O conhecimento é resultante dos ‘acoplamentos estruturais’ em que os sistemas vivos vão conseguindo ampliar-se e coexistir captando e ‘dialogando’ com as mudanças, melhor dizendo, obtendo superações contínuas, dentro das reais condições de possibilidade. Deste modo, as aprendizagens ocorrem dentro das inter-relações entre vida e conhecimento (SILVA, 2011, p.117).

Mediante o cenário apresentado, o que devemos pontuar, é que a educação deve ser olhada por outra ótica, que não a do mero profissionalismo técnico e vazio. Devemos compreender a educação como uma exigência de que cada um – professor ou aluno, pense sobre o próprio pensar. Portanto, somos desafiados a pensar uma educação integral, que supere os unilateralismos de nossos sistemas educacionais. Isso implica formar o homem em todas as suas dimensões, seja intelectual ou corporalmente. Parece-nos insuficiente educar apenas o indivíduo competente e capaz de competir e fazer parte do mercado de trabalho, ou de exercer apenas uma determinada função nesse processo mercantil. Urge, no dizer de Teixeira (1999), educar e formar o homem ético, participante de uma comunidade humana e, como tal, incidente sobre a sua realidade social, transformando-a.

4 CONCLUSÃO

Os *ditames da Paidéia platônica* nos direcionam a pensar um mundo em que os homens são capazes de, primeiramente, se reconhecerem enquanto homens. A educação platônica conduz a racionalidade, ao *logos*, como ordenamento e fundamento de uma educação não somente para a virtude, mas, também para as necessidades do Estado em que homem enquanto cidadão habita.

A partir da *maiêutica socrática* o homem é capaz de atingir o conhecimento, o qual já se encontra em si mesmo. A educação deverá ser, nos dizeres de Sócrates, o estabelecimento da consciência no homem, o qual reconhece o seu não saber e se dirige a inclinar a sua visão para a luz. Somente indagando a si mesmo o homem poderá enxergar o seu não saber. Todavia, o homem necessita de um *parceiro do conhecimento verdadeiro* que o lance a dar a luz o antes não iluminado. O homem é necessitado de conhecimento e, por isso, a educação deve ser direcionada ao conhecimento. O homem necessita conhecer a si mesmo, além de ser capaz de entender que "*o verdadeiro saber consiste em saber que não se sabe*". Por isso, é pela dialética, pelo movimento circular, que o homem chegará a um profundo conhecimento de si e ao reconhecimento dos próprios limites de seu saber, recusando o que é aparente e imaginário para se lançar na busca do que é e do que deveria ser o belo, o justo e o verdadeiro.

Tal dialética é possível ser compreendida a partir do que encontramos no livro VII do diálogo *A República*, ao ser retratado a *alegoria da caverna* em que o homem em estado inicial encontra-se na posição de prisioneiro, por conhecer meramente as imagens, as sombras enquanto *doxas*. As *doxas* são como vendas, as quais impossibilitam ao homem de atingir ao *conhecimento verdadeiro*. Nesta razão, acreditamos que o processo educacional de formação dos homens é o instrumento, o meio para o qual o homem será direcionado a atingir o conhecimento das *ideias*. Por isso, entendemos que a dialética platônica é um esforço de

reflexão orientada para o ideal, o verdadeiro, isto é, a sensação já tem o testemunho da inteligência

Portanto, o processo educacional pensado por Platão se configura num ato dialético, o qual retira o homem das trevas e o conduz à luz ou que o retira da prisão e conduz à liberdade ou que o retira da ignorância e o conduz ao conhecimento. Ou seja, o processo educacional pensado por Platão faz referência a passagem do homem da sensibilidade à inteligibilidade. Em contrapartida, a escola moderna foi criada para criar só um pedaço do homem, esquecendo da integridade do seu ser. Mediante o cenário apresentado compreendemos que a educação deva ser olhada por outra ótica, que não a do mero profissionalismo técnico e vazio, como firma a educação tecnicista do presente momento

REFERÊNCIAS

- GILES, Thomas Ranson. **Filosofia da educação**. São Paulo: EPU, 1983.
- JAEGER, Werner. **Paideia: formação do homem Grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- PILLETI, Nelson. **História da educação**. SP: Ática, 1990.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução de José Trindade Santos. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- PLATÃO. **Leis e Epínomis**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 1. ed. Vol. XII-XIII. Pará: Universidade Federal do Pará, 1980. (Coleção Amazônica – Série Farias Brito).
- PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2001.
- REALLE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.
- RODRIGO, Lúcia Maria. **Platão e o debate educativo na Grécia clássica**. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.
- SILVA, Divino José da; PAGNI, Pedro Angelo. A educação na filosofia de Sócrates. In: BROCANELLI, Cláudio Roberto *et al.* **Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história**. São Paulo: Avercamp, 2007.
- SILVA, Everaldo Fernandes. **Processos aprendentes e ensinantes dos artesãos/ãs do Alto do Moura** – Tessitura de vida e formação. 2011. 279 f. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.